

Inquietações e mudanças no ensino da arte



EDITORA AFILIADA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Inquietações e mudanças no ensino da arte / Ana Mae Barbosa, (org.).
— 7. ed. — São Paulo : Cortez, 2012.

Vários autores.
ISBN 978-85-249-1910-7

1. Arte - Estudo e ensino I. Barbosa, Ana Mae.

12-03832

CDD-707

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino 707

Ana Mae Barbosa (Org.)

Adriana Portella • Ana Amália Barbosa •
Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães • Analice Dutra Pillar •
Ana Mae Barbosa • Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo •
Irene Tourinho • Ivone Mendes Richter • Lúcia Gouvêa Pimentel •
Lucimar Bello • Maria Christina de Souza Rizzi •
Mirian Celeste Martins • Regina Stella Barcelos Machado •
Rejane G. Coutinho • Tania Callegaro

Inquietações e mudanças no ensino da arte

7ª edição

3ª reimpressão

 **CORTEZ
EDITORA**

INQUIETAÇÕES E MUDANÇAS NO ENSINO DA ARTE

Ana Mae Barbosa (org.)

Capa: aeroestúdio

Revisão: Maria de Lourdes de Almeida

Composição: Linea Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales



Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos autores e do editor.

© by Autores

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Monte Alegre, 1074 – Perdizes

05014-001 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

e-mail: cortez@cortezeditora.com.br

www.cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil – abril de 2023

Sumário

Introdução — A gênese deste livro

<i>Ana Mae Barbosa</i>	7
------------------------------	---

PRIMEIRA PARTE

1. As mutações do conceito e da prática

<i>Ana Mae Barbosa</i>	13
------------------------------	----

2. Transformações no ensino da Arte: algumas questões para uma reflexão conjunta

<i>Irene Tourinho</i>	28
-----------------------------	----

3. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões?

<i>Lucimar Bello</i>	37
----------------------------	----

4. Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de Arte

<i>Mirian Celeste Martins</i>	52
-------------------------------------	----

SEGUNDA PARTE

5. Caminhos metodológicos

<i>Maria Christina de Souza Rizzi</i>	69
---	----

6. A educação do olhar no ensino da Arte

<i>Analice Dutra Pillar</i>	78
-----------------------------------	----

TERCEIRA PARTE

7. Multiculturalidade e interdisciplinaridade
Ivone Mendes Richter 95
8. Multiculturalidade e um fragmento da história da Arte/Educação especial
Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo 105
9. Interdisciplinaridade
Ana Amália Barbosa 117

QUARTA PARTE

10. Tecnologias contemporâneas e o ensino da Arte
Lúcia Gouvêa Pimentel 127
11. Aprendizagem da Arte e o Museu Virtual do Projeto Portinari
Adriana Portella..... 138
12. Ensino da Arte na internet: contexto e pontuações
Tânia Callegaro 155

QUINTA PARTE

13. A formação de professores de Arte
Rejane G. Coutinho..... 171
14. Ensino de Arte: perspectivas com base na prática de ensino
Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães..... 179
15. Rasas razões
Regina Stella Barcelos Machado 195
- Sobre os Autores..... 203

Introdução

A gênese deste livro

Ana Mae Barbosa

Este livro originou-se da série de cinco programas sobre Arte na Escola apresentados pela TV Escola, intitulada *Um Salto para o Futuro*, que foram ao ar em Abril de 2000. Convidada por Márcia Feldman e Rosa Helena Mendonça como consultora, já no primeiro encontro foi tal a identificação de nossas ideias sobre Educação e Arte que elas me deram carta branca para escolher os temas e os convidados e fizeram apenas algumas sugestões para modificação do meu texto base geral, que seria enviado para as/os catorze participantes dos programas. As modificações tinham a ver principalmente com alguns excessos críticos aos quais me dou ao luxo de vez em quando, mas elas tinham razão quanto à agressividade da linguagem e incorporei as sugestões.

Cada um dos cinco programas deveria ter também um texto básico que poderia ser escrito por mim ou encomen-

dado a um dos membros da mesa. Optei por este último modelo, mas fiz circular por Internet todos os textos para todos os participantes, pedindo que respondessem a eles, se quisessem. Como resultado alguns participantes decidiram complementar o texto base da/o colega e para duas mesas tivemos dois textos. Para a mesa do primeiro programa Irene Tourinho produziu o texto básico sobre as Transformações da Arte/Educação do Modernismo para a Contemporaneidade e Lucimar Bello, em resposta ao texto dela, acrescentou algumas páginas sobre a instabilidade da terminologia que nomeia a área, tema que constava da minha ementa, mas que Irene não achou relevante. Para o programa sobre Interculturalidade e Interdisciplinaridade a própria Ivone Richter, que ficou encarregada do texto base, pediu a Fernando Azevedo que escrevesse um texto complementar, enfocando a Multiculturalidade no que diz respeito à Educação Especial para os portadores de diferenças mentais e físicas.

Quando propus essa publicação pedi a todos os outros participantes dos programas para escreverem também. Determinei um prazo para os que já haviam escrito refazerem seus textos e alguns apresentaram textos muito mais elaborados.

Enfim, todos que participaram dos programas escreveram para este livro, o qual, como os programas, realiza a façanha de ter colaboradores/as de todas as regiões do Brasil, começando aí nosso respeito pela diversidade.

Foi um prazer imenso trabalhar com a equipe técnica do *Salto para o Futuro* que quase sem verba, mas com competência fez o melhor possível. Sugeri vários lugares onde realiza-se bom ensino de Arte para serem filmados, como o Instituto Capibaribe no Recife, criado por Paulo Freire, Elza

Freire e Raquel Crasto nos anos 50, que tem uma equipe excelente de arte-educadores, como Fátima Serrano e Patrícia Barreto. Também pretendíamos filmar o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, especialmente as aulas de Eloísa Saboia, e o Curso de Aperfeiçoamento de Professores de Arte do Núcleo de Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Por falta de verba, nada disso pôde ser filmado, mas a equipe do programa *Salto para o Futuro* supriu as lacunas com imagens do arquivo, algumas excepcionalmente bem escolhidas, como as cenas de filme *Sonho* de Kurosawa, no qual o diretor homenageia Van Gogh.

O vídeo de Cao Hamburger sobre *O labirinto da Moda*, de Gláucia Amaral também não pôde ser exibido como objeto de análise, por não ter havido tempo hábil para a concessão de direitos de exibição.

Por problemas com equipamento de filmagem nem Regina Machado, nem Ana del Tabor participaram do programa sobre Formação de Professores, mas foram convidadas a escrever neste livro. Os programas aconteciam na TVE no Rio. Na quinta-feira, dia 13, já maquiadas e sentadas no cenário as duas tiveram que retornar para seus Estados e não puderam voltar ao Rio para filmar na segunda-feira seguinte. Só Rejane Coutinho pôde permanecer na cidade. Como Fernando Azevedo, que participara do programa anterior, ainda estava no Rio de Janeiro o convidamos para substituir Regina, sua orientadora de mestrado e também pedimos que Lúcia Pimentel que participaria do programa do dia seguinte (sexta-feira) ficasse o fim de semana no Rio de Janeiro para participar do programa sobre Formação de Professores na segunda-feira. A nossa sorte é que eles, além de suas espe-

cialidades, têm pensado e escrito sobre Formação de Professores, o que deveria ser uma preocupação de todo professor de Licenciatura, mesmo dos artistas que ensinam a professores. Aliás, o último livro de Lúcia Pimentel é sobre Licenciatura em Artes Plásticas.

Primeira Parte

Capítulo 1

As mutações do conceito e da prática

Ana Mae Barbosa

As escolhas

Os programas *Salto para o Futuro*, sob minha coordenação enfocavam, e portanto este livro que deles derivou, enfoca, as Artes Visuais. As linguagens da Música, do Teatro, da Dança e da Literatura merecem abordagens específicas.

A aprendizagem da Arte é obrigatória pela LDB no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Contudo, algumas escolas estão incluindo a Arte apenas numa das séries de cada um desses níveis porque a LDB não explicitou que esse ensino é obrigatório em todas as séries.

No caso do Ensino Médio, algumas Secretarias de Educação estão usando o subterfúgio da interdisciplinaridade, e incluem todas as Artes na disciplina de Literatura, ficando tudo a cargo do professor de Língua e Literatura. Essa é uma

forma de eliminar as outras linguagens de Arte, fazendo prevalecer o espírito educacional hierárquico da importância suprema da linguagem verbal e consequente desprezo pela linguagem visual.

Daí a necessidade de esclarecimento, e até mesmo campanha, em favor da Arte na escola, muito embora os Parâmetros Curriculares Nacionais tenham reconhecido seu lugar de destaque no currículo, ao dar à Arte a mesma importância que deu às outras disciplinas.

Entretanto, os PCN estão resultando muito pouco. Nunca fui defensora de currículos nacionais, o Canadá resistiu à globalização neoliberal que os ditou, nunca produziu currículo nacional e tem hoje um sistema de educação que é um dos mais eficientes do mundo. Nem mesmo na Inglaterra, que deu origem a esta síndrome internacional por homogeneização do sistema escolar na época de Margaret Thatcher, o currículo nacional deu bons resultados em termos de qualidade.

No Brasil, como vemos, nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento da necessidade são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem um ensino/aprendizagem que torne os estudantes aptos para entender a Arte ou a imagem na condição pós-moderna contemporânea.

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação.

Portanto, os poderes públicos, além de reservarem um lugar para a Arte no currículo e se preocuparem em como a Arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conce-

ber e fruir Arte. Sem a experiência do prazer da Arte, por parte de professores e alunos, nenhuma teoria de Arte-Educação será reconstrutora.

Em minha experiência tenho visto que as Artes Visuais ainda estão sendo ensinadas como desenho geométrico, seguindo a tradição positivista, ou continuam a ser utilizadas principalmente nas datas comemorativas, na produção de presentes muitas vezes estereotipados para o dia das mães ou dos pais. A chamada livre-expressão, praticada por um professor realmente expressionista ainda é uma alternativa melhor que as anteriores, mas sabemos que o espontaneísmo apenas não basta, pois o mundo de hoje e a Arte de hoje exigem um leitor informado e um produtor consciente. A falta de uma preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade.

Embora já exista boa produção teórica e um grande número de pesquisas nas Universidades (mais de 200 teses) é necessário ampliar o número de cursos de Pós-graduação com linhas específicas em Arte-Educação.

Hoje existem apenas dois, o da Universidade de São Paulo, ligado ao Programa de Artes Plásticas e o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Educação. Outras três linhas de pesquisa em ensino da Arte estão se organizando na Universidade de Goiânia, na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Federal de Santa Maria. Mesmo assim, são quantitativamente insuficientes para atender à demanda das 98 Licenciaturas no país.¹

1. Segundo Arão Paranaguá de Santana há 98 Cursos de Licenciatura em Artes com um total de 145 habilitações em Artes Plásticas, Desenho, Música e Artes Cênicas em Teatro e Formação de Professores. São Luís: Edufitia, 2000. p. 125.

Por outro lado, falta estímulo para que os professores de sala de aula busquem cursos de aperfeiçoamento e de especialização mais aprofundados que os cursos de curta duração que quase sempre apenas treinavam para receitas de ensinar e agora apenas treinam para usar os PCNs.

A falta de um aprofundamento dos professores de Ensino Fundamental e Médio pode retardar a Nova Arte-Educação em sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre Artes Visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com análise, informação histórica e contextualização. Nas Artes Visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem e seu contexto são duas habilidades inter-relacionadas, o desenvolvimento de uma ajudando no desenvolvimento da outra (Analice D. Pillar e Denise Vieira, 1990).

Essa integração corresponde à epistemologia da Arte, aos modos como se aprende Arte.

A trajetória conceitual das relações entre o fazer e o ver fundando novas metodologias e práticas da Arte na Escola emergirá dos textos aqui apresentados.

Como cheguei aos temas?

Propus que a série abordasse os problemas que caracterizam as grandes mudanças no ensino da Arte nos últimos vinte anos, que em sua maioria foram mencionadas nos Parâmetros Curriculares, com os quais os professores estão se familiarizando e por meio dos quais deveriam estar, analisando, criticando, interpretando e selecionando o que é relevante para sua cultura, seu meio, sua ideologia, assim como

para as crianças com quem convivem. Em vez disso, receberam um outro pacote dos PCNs mastigados intitulados Parâmetros em Ação, neles determina-se as imagens a serem lidas e até quanto tempo deve-se discutir cada uma. A escolha das imagens aprofunda a contradição interna dos PCNs, que recomendam a pluralidade, mas são um instrumento de homogeneização.

No caso da escolha das imagens, os PCNs em Ação começam receitando a *Santa Ceia*, de Leonardo da Vinci, um país com enorme diversidade religiosa. Onde está o respeito ao pluralismo? Esqueceram-se do enorme avanço da Igreja Evangélica no Brasil, principalmente entre as camadas populares que frequentam a Escola Pública?

Para determinar os temas a serem discutidos aproveitei dois cursos para professores de Arte que ministrei, um em Minas (PUC-PREPES) e outro em São Paulo (NACE-NUPAE-USP), e inquiri os professores com perguntas formuladas nas seguintes direções:

Como as mudanças no ensino/aprendizagem da Arte estão sendo percebidas por eles professores, como agentes dessa mudança? Que mudanças são essas? Que aspectos dessa mudança são mais problemáticos, pouco entendíveis e mais difíceis de implementar?

As respostas deles/as determinou minhas prioridades e os temas dos programas.

Mudanças no ensino da Arte

Vejamos em que sentido a Arte-Educação mudou e como essas mudanças estão sendo percebidas pelos professores.

1. Maior compromisso com a cultura e com a história. Até os inícios dos anos 80 o compromisso da Arte na Escola era apenas com o desenvolvimento da expressão pessoal do aluno. Hoje, à livre-expressão, a Arte-Educação acrescenta a livre-interpretação da obra de Arte como objetivo de ensino. O *slogan* modernista de que todos somos artistas era utópico e foi substituído pela ideia de que todos podemos compreender e usufruir da Arte.

2. Ênfase na inter-relação entre o fazer, a leitura da obra de Arte (apreciação interpretativa) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra.

Para isto os arte-educadores baseiam-se na construção do conhecimento em Arte, que se dá segundo pesquisadores (Elliot Eisner, 99 e Brent Wilson, 99) na interseção da experimentação, decodificação e informação.

Só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem em Arte.

3. Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. Não podemos entender a Cultura de um país sem conhecer sua Arte. A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.

Relembrando Fanon, eu diria que a Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estrangeiro em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar

ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo.

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

4. O conceito de criatividade também se ampliou. Pretende-se não só desenvolver a criatividade por intermédio do fazer Arte mas também pelas leituras e interpretações das obras de Arte. Para o Modernismo, dos fatores envolvidos na criatividade o de máximo valor era a originalidade. Atualmente, a elaboração e a flexibilidade são extremamente valorizados. Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano.

5. A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola. A leitura do discurso visual, que não se resume apenas à análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam.

Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em

nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores.

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente.

A leitura das imagens fixas e móveis da publicidade e da Arte na escola nos ajuda a exercitar a consciência acerca daquilo que aprendemos por meio da imagem. Por outro lado, na escola, a leitura da obra de Arte prepara o grande público para a recepção da Arte e nesse sentido Arte-Educação é também mediação entre a Arte e o Público.

Testemunhamos hoje uma forte tendência de associar o Ensino da Arte com a Cultura Visual.

6. O compromisso com a diversidade cultural é enfatizado pela Arte-Educação Pós-moderna. Não mais somente os códigos europeus e norte-americanos brancos, porém mais atenção à diversidade de códigos em função de raças, etnias, gênero, classe social etc.

Para definir diversidade cultural, temos que navegar por uma complexa rede de termos. Alguns falam sobre multiculturalismo, outros sobre pluriculturalidade (PCNs), e temos ainda o termo a meu ver mais apropriado — Interculturalidade. Enquanto os termos “Multicultural” e “Pluricultural” pressupõem a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, o termo “Intercultural” significa a interação entre as diferentes culturas. Esse deveria ser o objetivo da Arte-Educação interessada no desenvolvimento cultural. Para alcançar tal objetivo, é necessário que a escola forneça um conhecimento sobre a cultura local, a

cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações.

No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que quase sempre apenas o nível erudito dessa cultura é admitido na escola (Tarsila, Portinari etc.). As culturas de classes sociais economicamente desfavorecidas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação dessas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para que os oprimidos possam se libertar da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. Isto não significa a defesa de guetos culturais ou negar às classes populares o acesso à cultura erudita. Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita, porque esses são os códigos dominantes — os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão como um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da sua própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do “outro”. A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais e o entendimento do mundo depende de uma ampla visão que integre o erudito e o popular.

Grande ênfase vem sendo dada aos projetos de Arte-Educação que demonstram o mesmo valor apreciativo pela produção erudita e pela produção do povo e que estabelecem um relacionamento entre a Cultura da Escola e a Cultura da Comunidade, por mais pobre que seja a Comunidade.

Arte-Educação baseada na Comunidade é uma tendência contemporânea que tem apresentado resultados muito

positivos em projetos de educação para a reconstrução social, quando não isolam a cultura local, mas a discutem em relação com outras culturas.

7. Outro aspecto importante da Arte na escola em nossos dias é o fato de se reconhecer que o conhecimento da imagem é de fundamental importância não só para o desenvolvimento da subjetividade mas também para o desenvolvimento profissional.

Um grande número de trabalhos e profissões estão direta ou indiretamente relacionados à Arte comercial e à propaganda — *out-doors*, cinema, vídeo, publicação de livros e revistas, produção de capas de fitas e Cds, cenários para a televisão, e todos os campos do *design* para a moda e a indústria têxtil, *design* gráfico, decoração etc. Não posso conceber um bom *designer* gráfico que não possua algumas informações de História da Arte. Não só *designers* gráficos, mas muitos outros profissionais de áreas similares poderiam ser mais eficientes se conhecessem, fizessem Arte e tivessem desenvolvido sua capacidade analítica por intermédio da interpretação dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico. Tomei conhecimento de uma pesquisa que constatou que os *camera men* da televisão são mais eficientes quando têm algum contato sistemático com apreciação da Arte.

O conhecimento crítico de como os conceitos formais, visuais, sociais e históricos aparecem na Arte, como eles têm sido percebidos, redefinidos, redesignados, distorcidos, descartados, reapropriados, reformulados, justificados e criticados em seus processos construtivos ilumina a prática da Arte, mesmo quando essa prática é meramente comercial.

Aqueles que defendem a Arte na escola meramente para liberar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de

refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional. Por ambas a escola deve se responsabilizar.

Mas, é responsabilidade excessiva sobre os ombros dos professores, eles precisam ter seu ego cultural reforçado e melhores salários.

No sentido de contribuir para um diálogo participante que ajude a refletir e potencializar as ações escolhi para os debates os conteúdos que foram considerados pelos professores entrevistados como os mais importantes e que necessitam urgente de esclarecimentos para assegurar as mudanças e transformações do ensino da Arte, tendo como um grande guarda-chuva o binômio: *Arte como subjetividade e Arte como cultura na sala de aula*.

O inesperado é que um dos problemas apresentado pelos(as) professores(as), como dos mais difíceis foi a questão da nomenclatura da área, coincidindo com a opinião de Márcia Feldman e Rosa Helena Mendonça, que já haviam sugerido que esse seria um bom tema. As muitas designações da disciplina geram um problema de identidade. Afinal como nos apresentamos? Somos professores de Educação Artística ou de Arte? O que está por trás das diferentes designações? Que conceitos? Que mudanças?

Os temas propostos foram:

1. Transformações do ensino da Arte;
2. Caminhos metodológicos;
3. Interculturalidade (embora, neste livro os autores tenham preferido manter em seus textos o termo — multicul-

turalidade), interdisciplinaridade e outras experiências bem-sucedidas de aprendizagem da Arte;

4. Formação de professores de Artes Visuais;
5. O computador no ensino/aprendizagem da Arte.

Transformações no ensino da Arte

a) Arte-Educação, Educação Artística, Educação através da Arte, Ensino da Arte ou Ensino/Aprendizagem da Arte, Arte, Artes Plásticas, Artes Visuais etc.: conceitos associados às diferentes terminologias e trajetória histórica. b) O Modernismo e a Contemporaneidade ou Pós-Modernismo. c) Arte como subjetividade e como cultura.

Caminhos metodológicos

a) As propostas metodológicas contemporâneas: Critical Studies, DBAE, CBAE, Arts Propel, Proposta Triangular. b) As leituras da obra de Arte. Etapas de compreensão da obra de Arte ou como crianças e adultos leem a obra de Arte e desenvolvem sua capacidade de entendimento. c) A influência da televisão e a Estética do Cotidiano: o rompimento de barreiras entre o erudito e o popular, a não hierarquização entre culturas.

Interculturalidade e Interdisciplinaridade

a) Conceitos e experiências bem-sucedidas, colocando lado a lado o código erudito e os especiais fazeres de mulheres donas de casa, estabelecendo-se uma ponte entre a escola e seu entorno, e associando o Artista que vive na comunidade com o Artista Internacional. b) Experiências interdisciplinares

de ensinar Inglês e Arte ao mesmo tempo e de tomar as outras disciplinas como base conceitual para as Artes.

O computador e outras tecnologias contemporâneas no ensino da Arte

a) O acesso e a manipulação da imagem. b) A Arte por computador, integrações perceptivas. c) Diferentes possibilidades de releituras, desconstruções e criação. d) CD-Rom, Internet, sites, comunicação e informação. e) O exercício crítico necessário para tomar decisões sobre o que escolher e priorizar. f) A convivência com outros meios eletrônicos e com os tradicionais: do lápis ao *mouse*.

Formação de Professores de Arte

a) Situação atual dos Cursos de Licenciatura. b) Formação continuada; como deve ser a formação teórica e prática. c) Como ensinar a ensinar a aprender. c) Publicações; colaboração de museus e outras instituições. d) Onde encontrar os cursos adequados. e) O professor generalista (1^a a 4^a) e o especialista (5^a a 8^a).

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *A compreensão e o prazer da arte: além da tecnologia*. São Paulo: Sesc Vila Mariana, 1999.

_____. *Arte-educação: leitura no subsolo*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *A compreensão e o prazer da arte*. São Paulo: Sesc Vila Mariana, 1998. 80 p.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998, p. 198.

_____. *A imagem no ensino da Arte: anos 80 e novos tempos*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BIANCHI, Antonio. *CD-Rom geometria (e Arte)*. Programa de pós-graduação em tecnologia da imagem, IdA, Universidade de Brasília, 1996.

DAVIES, T.; PIMENTEL, L. G.; WORRALL, P. *Electric studio: new practice in ICT art and design*. London: Anglia Multimedia, 1999. Livro e CD-Rom.

DUFRENE, Phoebe. *Voices of color*. Nova Jersey: Humanities Press, 1997.

FERRAZ, M. Heloisa; FUSARI, M. F. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *A arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

FERRAZ, M. Heloisa. *Arte e loucura: limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos, 1998.

FRANGE, Lucimar Bello. *Por que se esconde a violeta?* Isto não é uma concepção de desenho, nem pós-moderna, nem tautológica. São Paulo/Uberlândia: Anna Blume/EDUFU, 1995.

FREEDMAN, Kerry; HERNANDEZ, Fernando. *Curriculum, culture and art education*. Nova York: State University of New York Press, 1998.

MACHADO, Regina. *A formiga Aurélia e outros jeitos de ver o mundo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

NEPERUD, Ronald. *Context, content and community in art education: beyond postmodernism*. Nova York: Teachers College Press, 1997.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PILLAR, Analice Dutra; VIEIRA, Denyse. *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte*. Porto Alegre: Fundação Iochpe, 1992.

PIMENTEL, L.; SANTOS, A. C. *Estudando as cores: introdução ao estudo da teoria da cor*. Software Didático. Belo Horizonte: Coltec/UFGM, 1996. Livro e disquete.

PIMENTEL, Lucia G. (Coord.) *Som, gesto, forma e cor: dimensões da arte e seu ensino*. Belo Horizonte: C/Arte, 1995.

_____. *Limites em expansão: Licenciatura em Artes Visuais*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.